



## **Equidade e Televisão Pública: Uma Análise Sobre os Efeitos da Aplicação do Estatuto da Igualdade Racial no Programa Nação, Direcionado ao Público Negro da TVE<sup>1</sup>**

Wagner Machado da SILVA<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **Resumo**

O presente artigo, que faz parte da minha pesquisa de mestrado, tem por objetivo suscitar a reflexão sobre a comunicação e a igualdade na televisão pública, sobretudo no Rio Grande do Sul. Para tanto, será necessário fazer uma análise dos efeitos do Estatuto da Igualdade Racial no Programa Nação, direcionado ao público negro da TVE. A partir do concurso público de 2014 – o primeiro pelo sistema de cotas -, realizado pelo governo do Rio Grande do Sul para a emissora, houve a contratação de jornalistas negros que pode ter contribuído como instrumento de fortalecimento, empoderamento e pertencimento da identidade étnica afro-brasileira, ações que permeiam o imaginário desse premiado programa.

**Palavras-chave:** Televisão; comunicação; equidade; negro; democracia.

### **INTRODUÇÃO**

Quem já olhou com afinco a programação televisiva, percebe que o espaço e papéis sociais destinados à população afrodescendente, de maneira geral, limita-se a serviços, moradores de periferias, malandros e criminosos. Pesquisas como a que consta no livro "A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira" (2001), do autor Joel Zito Araújo, afirmam que esse estereótipo ainda é perpetuado também nas notícias televisivas, contribuindo para a consolidação de tais restrições. Imagine-se o seguinte exercício: remover o som da televisão e exibir apenas imagens para um telespectador de outro país. Ele, possivelmente, acreditaria estar na Europa ou, então, que os negros estão fadados às notícias negativas, sem serem representados, de forma mais constante, em programas de cunho positivo.

[...] a identidade da pessoa negra traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser objeto de uso como instrumento de trabalho. [...]. A cor da pele e as características fenotípicas acabam operando como referência que associam de forma inseparável raça e

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito ao ingresso no mestrado 2017.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação na FAMECOS-PUCRS email: wagner.machado@acad.pucrs.br.



condição social, o que leva o negro à introjeção de um julgamento de inferioridade [...] (SOUZA, 2005, apud DOURADO, 2007, p. 7).

Quando alguém se questiona qual é a etnia predominante entre garis, domésticas, serviçais gerais, a imagem que vem à mente, via de regra, é a de um negro. Isso ocorre porque se passou um longo tempo para que o governo procurasse alterar os resquícios da escravidão e, pode ser ainda mais lenta, a percepção de que essa realidade deve ficar no passado. Ainda assim, há indícios de mudança também na classe que faz parte da construção da imagem da população: os comunicadores. Esse fato pode ser observado a partir do ocorrido em 2014, quando, após mais de uma década de sucateamento, a Televisão Educativa (TVE), realizou processo seletivo para contratar 98 novos profissionais (17 jornalistas, 12 repórteres de rádio e TV e 12 produtores executivos de rádio e TV); desses, 16% são negros, que, possivelmente, devem colaborar para a mudança da pouca valorização da etnia.

Cabe lembrar que a discussão sobre o aspecto da TVE ser uma televisão pública ou estatal, bem como sua futura extinção, a partir do desejo do governo e aprovação do projeto na Assembleia Legislativa, não é o foco do presente artigo, embora tudo isso possa ser decisivo no futuro da comunicação gaúcha. Para além disso, acredita-se que a escolha da realização dessa provação através de artigo não é ao acaso, pois, a mudança, a partir da comunicação, se mostra possível. Nessa primeira da dissertação, que originou esse artigo, detalho a pesquisa bibliográfica realizada até o momento, sugiro questionamentos e hipóteses que podem ser respondidas e comprovadas à luz da pesquisa científica, à medida que esse trabalho for discutido e a dissertação for avançando.

Diante de tal contexto de desvalorização e quase invisibilidade de programas televisivos gaúchos que ressaltem a identidade negra – como prevê o Estatuto da Igualdade Racial<sup>3</sup> – o foco dessa pesquisa pretende vasculhar o universo da TVE e avaliar, questionar e descobrir se, os dados que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam, dando conta de que a população negra no Estado é de 16% – percentual pequeno comparado aos 53% em todo o país – são, de fato, representados nesse espaço midiático. O Estado destaca-se ainda, em termos proporcionais, pelo

---

<sup>3</sup> Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010, institui o Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm)>. Acesso em: 7 mar. 2017.



número de pessoas pertencentes às religiões afro-brasileiras. Segundo o IBGE, no ano 2000, 1,62% da população gaúcha declarou-se adepta aos cultos afro-brasileiros, contra 1,31% no Rio de Janeiro, que ocupava o segundo lugar, atrás da Bahia. Em âmbito nacional, 0,3% da população declarou-se pertencente à religião afro-brasileira. A capital gaúcha, Porto Alegre, é conhecida ainda por situar o primeiro quilombo urbano no país, reconhecido pelos órgãos federais e, conta ainda, com outras três comunidades dessa natureza, dentro de seu território, em busca do reconhecimento e regularização das terras junto ao poder público. Na região metropolitana, há também, outras seis comunidades que desejam a titulação de quilombo.

O ponto salutar que delimita a pesquisa pretende compreender se os jornalistas (repórteres, editores, produtores e apresentadores da TVE) conseguem refletir sobre as produções, através de mecanismos de monitoramento e desenvolvimento das relações sociais dessa parcela da população que, por longo tempo, aparece estigmatizada, depreciada, desumanizada e adjetivada pejorativamente.

O problema de pesquisa passa pela aplicação do Estatuto da Igualdade Racial, no qual há um capítulo sobre comunicação social em que os incisos são focados no rádio e televisão públicos. Ainda assim, faz-se necessário analisar, cada vez mais, o comprometimento da mídia, inclusive da iniciativa privada (embora esse não seja o foco prioritário do artigo), para fortalecer a diversidade da população brasileira e, com o caráter público da comunicação, evitar a negação do racismo e erradicar a inferiorização, estigmatização e invisibilidade da população negra.

A pergunta norteadora e questão central é: a presença dos negros na TV, com matérias direcionadas, programa específico, tem ajudado na construção do pertencimento, valorização e melhora da autoestima? Partindo-se da premissa, onde há informação há ideologia, pretende-se verificar se no programa Nação<sup>4</sup> – criado em 2011, com foco voltado à história e a cultura negra – há proposta de reflexão sobre os valores e conceitos civilizatórios da ancestralidade africana na mídia gaúcha.

---

<sup>4</sup> Programa Nação da TV Educativa (TVE), produzido no Rio Grande do Sul tem também exibição nacional pela TV Brasil, apresenta reportagens, documentários e debates sobre a cultura popular negra, com exibição semanal às sextas-feiras, às 22h30 e horário alternativo aos sábados, às 19h50. Apresentação de Fernanda Carvalho e produção de Vera Cardozo. Disponível em <<http://www.tve.com.br/programas/nacao/>>. Acesso em: 25 jul. 2016.



Também se percebe a necessidade de que pesquisadores acadêmicos democratizem, ainda mais, os frutos das pesquisas em mídias e linguagens, tornando-as acessíveis aos leigos para que esses conteúdos ultrapassem os muros das instituições de ensino. Isso posto, o objetivo do presente estudo passará pela análise da forma, conteúdo do programa da TVE. O mérito de análise e divulgação do programa encontra-se na apresentação de temas relacionados à história, à cultura e à diáspora africana; com conteúdo reflexivo e simples, procura desfazer a imagem errônea de que, no Estado do Rio Grande do Sul, não houve herança e contribuição significativa da população negra. Além disso, mais do que elevar a autoestima dessa população, o programa tem foco na ressignificação histórica e cultural gaúcha e contribui como subsídio à implementação da Lei 10.639/03<sup>5</sup>, que determina a inclusão do estudo da história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas.

Além do recente histórico de escravização, com reflexos perceptíveis no que se refere à inferioridade socioeconômica e cultural em que a população negra brasileira está inserida, acredita-se que essa mesma etnia luta contra o racismo midiático, que, muitas vezes, pode criar e acentuar os preconceitos. Sendo assim, o presente estudo, que será ampliado na dissertação, pretende verificar se o programa, que conta com repórteres e apresentadores ligados ao movimento negro, tem conseguido impulsionar e qualificar o reconhecimento dos espectadores, bem como, saber quem são esses profissionais.

#### **POR QUE PESQUISAR SOBRE EQUIDADE E COMUNICAÇÃO?**

Esse estudo deseja dar seguimento e aprofundar a pesquisa de graduação que realizou análise sobre as razões da “(In)visibilidade do negro no telejornalismo gaúcho”. Sob orientação do professor Juremir Machado da Silva, na época, evidenciou-se que nas sete principais emissoras de televisão do Estado, atuavam 421 jornalistas com titulação acadêmica e, destes, apenas três eram negros, ou seja, 0,71% do total de trabalhadores (MACHADO, 2009). O motivo dessa ausência, de acordo com a pesquisa, ocorre pela falta de acesso à universidade e, posteriormente, em razão de entraves para ingresso na

---

<sup>5</sup> Lei No 10.639, de 9 de janeiro de 2003, Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".



mídia televisiva, já que esta depende da imagem e, não raro, a fisionomia do negro, no telejornalismo, conforme relatos, pode não vender tanto quanto outras etnias. Isso ocorre, tal como escreve o autor Muniz Sodré<sup>6</sup>: “A televisão brasileira está para o negro assim como o espelho está para o vampiro. O negro olha: não se reconhece, não se vê”.

Além da invisibilidade dos programas jornalísticos, havia um abismo – no que se refere as imagens de negros em posição que não fossem de submissão – nas telenovelas, programas jovens, desenhos animados e tantos outros aspectos da mídia – e, isto também interferia no imaginário desse pesquisador e de qualquer pessoa que quer se sentir valorizada, mas não se vê na televisão. Através desse artigo, intitulado “Equidade e televisão pública: uma análise sobre os efeitos da aplicação do Estatuto da Igualdade Racial no programa Nação, direcionado ao público negro da TVE” e, baseado no momento de busca por igualdade e ascensão das classes menos favorecidas, poderão ser avaliadas as mudanças que os novos tempos podem estar proporcionando. Afinal, no Estado com o segundo menor percentual de negros do país e hegemônica colonização europeia<sup>7</sup>, justifica-se a pesquisa sobre o fato da TVE, por força da Lei 13.694/2011<sup>8</sup> ter cota racial e, em razão do Estatuto da Igualdade Racial, ser obrigada a destinar parte da programação para essa parcela da sociedade, justamente para impulsionar a questão de pertencimento daqueles que por muito tempo ficaram à margem e não foram retratados como deveriam nos meios de comunicação. Assim, com esse novo panorama, talvez a realidade evidenciada na primeira pesquisa tenha sofrido alteração e muitos se sintam representados por parte da programação massiva que a televisão possibilita.

Estatuto da Igualdade Racial propõe assegurar que a produção veiculada pelos órgãos de comunicação valorize a herança cultural e a participação dos afro-brasileiros na história do País. Os filmes e programas veiculados pelas emissoras de televisão deverão apresentar imagens de pessoas afro-brasileiras em proporção não inferior a 25% do número total de atores e figurantes, o que deverá ser respeitado também no teatro, cinema e propaganda. (PAIM, 2006<sup>9</sup>).

Conforme o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), documento produzido pelo Governo Federal brasileiro, através da Secretaria de Direitos

---

<sup>6</sup> SODRÉ, Muniz. Mídia & Racismo: um pé fora da cozinha. IN: CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva. 2004.

<sup>7</sup> Saviani, 2008. O processo de colonização no Rio Grande do Sul: o caso de São Leopoldo no século XIX.

<sup>8</sup> Lei N.º 13.694, de 19 de janeiro de 2011, instituiu o Estatuto Estadual da Igualdade Racial. Disponível em <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/13.694.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2016.

<sup>9</sup> Discurso do senador Paulo Paim. Disponível em: <<http://goo.gl/uvVKgU>>. Acesso em: 15 mai. 2016.



Humanos da Presidência da República, os meios de comunicação são espaços de intensos embates políticos e ideológicos, pela sua alta capacidade de atingir a população. “Mas podem constituir-se, também, em espaço estratégico para a construção de uma sociedade fundada em uma cultura democrática, solidária, baseada nos direitos humanos e na justiça social”. (PNEDH, 2008, p. 53).

Partindo do pressuposto de que as emissoras de caráter público que formam a TVE contam com significativo alcance na relação com o público e participam de maneira ativa na formação e manutenção das identidades regionais, é pertinente estudar seu comportamento político na construção das identidades nacionais e disseminação dos princípios dos direitos humanos frente ao público consumidor, uma vez que a televisão pode ser compreendida como ferramenta de educação e entretenimento e pode ser usada para reforçar estes princípios e promover o respeito às diferenças.

No Brasil, 95,1% dos domicílios estão dotados de aparelhos televisivos (IBGE, 2012). De acordo com Sodré (1984), a mídia incorpora não só as técnicas de reprodução desenvolvidas na modernidade, mas também toda organização da vida social. É desta percepção que nascem as demandas no seio dos movimentos sociais organizados quanto à função e o papel da TV pública. Para esses movimentos, os meios de comunicação públicos devem combater o preconceito de gênero e a discriminação de pessoas por etnia, cor e raça, entre outros. Esses meios, devem representar em sua programação e quadro de pessoal, a diversidade da sociedade brasileira.

Dessa forma, ao abordar o programa televisivo em questão, a partir da ótica da dialética identitária, a presente pesquisa pretende contribuir para o incipiente estudo da relação entre televisão brasileira e construção do imaginário sobre a comunidade negra brasileira pelo meio televisivo. Segundo Flávio Porcello (2009), a televisão é a mais influente forma de disseminar modelos e práticas sociais:

Se algum dia alguém pensou que a influência da TV na sociedade não era merecedora de profundos estudos, hoje esse grave erro de avaliação no começo das transmissões é visto como responsável pelo atraso no início de um estudo sério e comprometido com a verdade dos fatos. A TV influencia, e como influencia, todo o processo político, econômico e cultural da sociedade, seja ela urbana ou rural. (PORCELLO, 2009. p. 2).



É relevante pensar de que forma os conteúdos, análises e entrevistas do programa Nação podem inserir e problematizar, no cotidiano dos telespectadores, a maneira que o país foi construído e as razões para os problemas que enfrentamos na atualidade. A partir disso, será possível conhecer, estudar e avaliar os processos editoriais desse programa, sobretudo no âmbito da linguagem e produção de sentidos, identidade, ética e campo profissional. Aqui se justifica a pertinência desse artigo, pois deve ser papel do governo e da academia, conscientizar e estimular a diminuição das desigualdades no Brasil.

Entre os objetivos da presente pesquisa destaca-se: verificar os processos de produção do programa Nação da TVE, através da análise de conteúdo. Para tanto, faz-se necessário avaliar, questionar, mensurar, aprofundar e divulgar os efeitos da aplicação do Estatuto da Igualdade Racial no programa direcionado ao público negro. Dessa forma, o objetivo central desse artigo é tentar verificar se, à medida que as pessoas negras têm a possibilidade de falar com propriedade sobre a própria história, o programa Nação consegue mostrar novo panorama, com negros em ascensão e que são e foram importantes para o nosso estado, aumentando a valorização étnica.

Para tanto, através dessa pesquisa, que ainda está em curso, será possível:

- Compreender se, a presença dos negros na TV, com matérias direcionadas, programa específico, tem ajudado na construção do pertencimento, valorização e melhoria da autoestima;
- Identificar os principais conteúdos exibidos, apontando os temas pertinentes na exibição do programa no período de um ano;
- À luz da teoria da receptividade, entender os efeitos do programa na vida dos telespectadores;
- Compreender os efeitos do Estatuto da Igualdade Racial na formação da equipe da emissora pública.

Para fundamentar este artigo, parte-se do entendimento do campo jornalístico como parte relevante da construção da realidade social. Pois, se a televisão é veículo que contribui para construir imagens identitárias, é preciso pensar esse instrumento





criticamente e, também, contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos ainda existentes; para, assim, avançar nessa luta por uma sociedade brasileira mais justa ou menos desigual. A figura do negro deve e pode ganhar novos espaços. É preciso trabalhar para ampliar esses espaços e para enxergar os sujeitos excluídos da sociedade.

Conforme Malcom X<sup>10</sup>, se você não for cuidadoso, os jornais farão você odiar as pessoas que estão sendo oprimidas e amar as que estão oprimindo. Desta forma, a pesquisa se justifica, pois, fomentará o debate e conhecimento sobre a relação do jornalismo e a vida de quem assiste ao programa segmentado da TVE. Assim, será possível entender onde o jornalismo se humaniza, peca ou realiza o trabalho com primor e como é possível melhorar a atividade. Em situação hipotética, cada vez que um programa deste porte, que recebe incentivos governamentais, deixa de cumprir seu real papel de informar com conhecimento e desvendar o que está guardado, cresce a possibilidade do racismo se perpetuar.

No universo desta temática, o negro-mestiço desponta com grande frequência nas páginas dos jornais. Seja como agente ou vítima, as fotografias expõem sua condição de excluído ou de submisso a uma grande ordem social vigente. É nesse conjunto que essa alteridade se faz presente e é através dele que muitas vezes, podemos dizer, estereótipos são reforçados, propiciando a manutenção de uma imagem negativa destes indivíduos. (VAZ e TAVARES, 2003, p. 13).

À medida que a televisão, ou outro meio, acentua as diferenças sociais – de gênero, classe, raça etc. – entre membros de uma sociedade, pode-se gerar mais exclusões e restrições na esfera pública, tornando-a mecanismo de dominação. Nesse contexto, para combater tal contraste, o programa Nação parece conseguir criar espaços na mídia para pontos de vista sub-representados, fatos não reportados e populações pouco ou nunca incluídas nas notícias.

Por esse prisma, esse artigo, conforme as referências bibliográficas, se alicerça em teóricos que defendem a igualdade e, sobretudo, a pluralidade. Pois, por meio de ações como o debate aberto, o pluralismo nas representações e o reconhecimento, pode-se introduzir o espaço de grupos subjugados e minorias nos meios de comunicação.

---

<sup>10</sup> Al Hajj Malik Al-Shabazz, mais conhecido como Malcolm X (registrado Malcolm Little; Omaha, 19/5/1925 | Nova Iorque, 21/2/1965), foi um dos maiores defensores do nacionalismo negro nos Estados Unidos. Defensor dos direitos dos afro-americanos, conseguiu mobilizar brancos e negros na conscientização sobre os crimes cometidos contra a população afro-americana. Fonte: Uol Educação. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/biografias/malcolm-x.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2016.





Assim, em um processo gradativo, espera-se, em futuro próximo, vislumbrar mudança do contexto midiático.

Cabe ressaltar que, em pesquisa realizada pela Fundação Cultural Palmares, em 2007, “Onde está o negro na TV Pública”, comprovou-se após análise em três emissoras públicas: TV Cultura, Rede Brasil e TV Nacional, que em abril de 2007, 0,9% da programação exibida foi dirigida à cultura afro-brasileira, e apenas 5,5% dos jornalistas que atuam neste segmento da TV e 10% dos apresentadores desses canais são afro-descendentes. Percebe-se que independentemente do setor televisivo que se trata, há ainda ausência da representação do negro na mídia brasileira. Muito embora estes já apareçam, a proporção ainda é mínima, ou seja, “quem alimenta, sobremaneira, o mito da democracia racial, atualmente, é a mídia”. (BERNARDO, 2005, p.153).

Da mesma forma que são poucos os negros que ingressam, menos ainda os que concluem as faculdades, acredita-se que é pouco relevante a produção de dissertações e teses relacionadas à mídia e à etnia, principalmente a partir da ótica de quem produz a notícia. Surge aí, a oportunidade de suscitar novos debates e questionamentos acerca do tema para que em momento próximo, seja possível afirmar que não é comum as novelas retratarem a negra como empregada e a branca como patroa e causar estranhamento o contrário. Nesse mesmo prisma, o sonho de igualdade do ativista político americano Martin Luther King<sup>11</sup>, será percebido por todos, inclusive nas páginas dos jornais – ou programas televisivos, de rádio ou internet – nos quais as notícias e programas serão retratados de forma fiel e sem tendenciar ou possibilitar juízos de valores equivocados.

#### **A ENTREVISTA E ANÁLISE COMO PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para procurar compreender a importância do negro ocupar espaço na televisão gaúcha – ainda que nos dias atuais esse percentual esteja melhorando em doses homeopáticas – esse artigo terá como método principal de trabalho o instrumento de entrevistas com a equipe do programa e análise de conteúdo, já que, essa última, é técnica usada para realizar inferências através da identificação objetiva e sistêmica de características específicas da mensagem podendo-se apresentar os resultados através de

---

<sup>11</sup> Martin Luther King Jr. (Atlanta, 15/1/1929 | Memphis, 4/4/1968) foi pastor protestante e ativista político estadunidense. Tornou-se um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, e no mundo, com uma campanha de não violência e de amor ao próximo. Fonte: Uol Educação. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/biografias/martin-luther-king.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2016.



indicadores quantitativos e qualitativos. “De forma mais ampla, o jornalismo constrói sentidos sobre a realidade, em um processo de contínua e mútua interferência. De forma mais restrita, a notícia é uma construção social” (BENETTI, 2007, p. 43).

A análise de conteúdo mostra-se como método próprio e efetivo, que colabora para entender mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e, também, a estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens (SHOEMAKER & REESE apud HERSCOVITZ, 2007). Nesta abordagem, para evitar abstrações e o uso da intuição que, em alguns casos, pode apenas reforçar a projeção da subjetividade do próprio pesquisador, serão adotados procedimentos sistemáticos de verificação e comprovação de hipóteses; a análise de conteúdo será ferramenta para descrição e interpretação abalizada das mensagens. Desta forma, a ficha de análise procurará identificar os temas tratados no Nação em determinado período, bem como elencar quem são os organizadores do programa, quem foram os entrevistados e, principalmente, de que forma esse conteúdo chegou até o telespectador. Para isso, pesquisa de campo torna-se útil para encontrar alguns receptores da mensagem, tarefa simplificada pelas páginas nas redes sociais que evidenciam quem assiste à programação.

O estudo vem ao encontro de pesquisa do IBGE, de 2012, revelando que embora a população auto declarante branca ainda seja maioria no Brasil, o número de pessoas que se classificam como pardas ou pretas cresceu, enquanto o número de brancos caiu. E assim, como se espera demonstrar a partir desse artigo e com a dissertação, além do benefício das cotas, parece ter relação com o processo de valorização da raça negra e ao aumento da autoestima dessa população, principalmente no que a mídia retrata e no avanço do combate ao racismo.

A tendência atual da análise de conteúdo desfavorece a dicotomia entre o quantitativo e o qualitativo, promovendo uma integração entre as duas visões de forma que os conteúdos manifesto (visível) e latente (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido (HERSCOVITZ, 2007, p. 126).

Portanto, a construção do trabalho dar-se-á a partir da perspectiva histórico-descritiva, utilizando-se de técnicas de revisão bibliográfica, coleta de depoimentos de profissionais que trabalham no programa Nação e, também, daqueles que são público-



alvo. Pretende-se, por meio da pesquisa quantitativa, utilizar unidades pré-definidas e, através da pesquisa qualitativa, permear conceitos acadêmicos pré-estabelecidos. Essa última, consolida-se em exigências e critérios dentro dos conceitos estabelecidos por Santaella:

As pesquisas qualitativas também obedecem a certos protocolos, tais como a delimitação e formulação claras de um problema, sua inserção em um quadro teórico de referência, a coleta escrupulosa de dados, a observação, as entrevistas, quando necessárias, a determinação de um método, a análise dos dados, o teste das hipóteses, a necessidade de generalização das conclusões, etc. (SANTAELLA, 2001, p. 143).

## **CONCLUSÕES**

A partir dessa análise metodológica, espera-se suscitar o debate sobre a democratização dos meios de comunicação, pois acredita-se ser necessário que o mito da democracia racial se torne realidade. Dessa forma, com programas como o Nação, acredita-se possível que a aparição do negro se torne mais frequente nos meios de comunicação, não mais em modelos da Europa, mas de forma real, para que a população, que até então não se reconhecia, veja sua etnia, seus traços e sua herança, tanto genética quanto cultural, nos mais diversos espaços e áreas, inclusive em veículos massivos como o é a televisão.

Ao longo dos anos, o Nação já abordou muitos temas que trouxeram para o debate assuntos que são de extrema relevância, entre eles: A Revolta da Chibata, Massacre dos Porongos, Carolina de Jesus, Museu do Percorso Negro, Autoestima da Criança Negra, Quilombos de Alegria e Luta, Ainda assim, por se tratar de um trabalho embrionário, que está sendo realizado a partir de uma dissertação, as conclusões ainda são prematuras, mas, pelo material já coletado e pelo que se percebe na programação da TVE, o Programa Nação tem tido êxito ao dar voz e vez para uma parcela, que representa mais da metade de população brasileira, que por muito tempo ficou à margem também da comunicação. Dessa forma, com jornalistas negros que, possivelmente, vivenciam o preconceito cotidianamente, ao falar de assuntos históricos, contextualizando e trazendo-os para o presente, cria-se um sentimento de pertencimento, equidade étnica e representatividade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**. O negro na telenovela brasileira. 2.ed. São Paulo: Senac, 2004.

\_\_\_\_\_. **Identidade Racial e Estereótipos sobre o Negro na TV Brasileira**. In: Guimarães, A. S. A. & Huntley, Lynn (org.), Tirando a Máscara: Ensaios sobre o Racismo no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

BERNARDO, **Teresinha**. Memória em Branco e Negro: Olhares sobre São Paulo. São Paulo: EDUC. Editora Unesp, 1998.

BRASIL, Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: SEDH, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2008.

CARRANÇA, Flávio, **Espelho Infiel - O negro no jornalismo brasileiro**. Imesp. 2004

DOURADO, Lise Mary Arruda. **Um discurso racista na TV: uma análise do comercial da cerveja Sol**. ALB, Campinas: (s/d). Disponível em <[http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss02\\_08.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss02_08.pdf)>. Acesso em 7 abril. 2017

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. IN: Cláudia Lago, Márcia Benetti. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LAGO, Cláudia; MACHADO, Márcia Benetti (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

MACHADO, Wagner Machado da Silva. **A (in) visibilidade do negro no telejornalismo gaúcho**. 2009. 90 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009.

**O negro na mídia** - a invisibilidade da cor. Porto Alegre: Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul/Núcleo de Jornalistas Afro-brasileiros. Porto Alegre: Sindjors, 2005.

SANTOS, J. R. **Mídia e produções de subjetividade: questões do racismo**. In: Conselho Federal de Psicologia. Mídia e psicologia: produção de subjetividade e coletividade. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009, cap. 5, p.157-174.

SAVIANI Filho, Hermógenes. **O processo de colonização no Rio Grande do Sul: o caso de São Leopoldo no século XIX**. 2008. 233 f. Tesi (Doutorado em Economia) - Faculdade de Economia, Universidade Federal do rio Grande do Sul. 2008.

SODRÉ, Muniz. **Mídia & Racismo: um pé fora da cozinha**. IN: CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva, Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.



SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso** – televisão, indivíduo e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

\_\_\_\_\_. **Mídia & Racismo:** um pé fora da cozinha. IN: CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva, Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

PORCELLO, Flávio A. C. **O impacto dos avanços tecnológicos e a evolução do discurso do poder na TV.** Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, IX Encontro dos grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0467-1.pdf>>. Acesso em 7 abril. 2017

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker Editores, 2001.

VAZ, Ferreira Tavares Paulo Bernardo. **O negro mestiço e a narrativa fotojornalística:** um Outro nos cadernos Cidade. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. Caderno de Resumos do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: INTERCOM, 2003. p. 138.